ISSN: 2358-8829

ACORDA, MARIA: EXPERIMENTO CÊNICO NO PROCESSO DE EMPODERAMENTO FEMININO A PARTIR DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Bianca Silva dos Santos [1]

INTRODUÇÃO

O presente artigo constitui um relato de experiência desenvolvido com alunas e alunos dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, da Escola de Tempo Integral Professor Nilo Pereira, em parceria com o Projeto *Empodera* da Secretaria da Mulher da Prefeitura do Recife. A experiência resultou no processo de montagem e criação coletiva da peça teatral *Acorda, Maria!* (2025).

Nesse sentido, o trabalho teve como objetivo analisar as possibilidades pedagógicas do teatro na abordagem das questões relacionadas às violências de gênero, ao racismo, às desigualdades sociais, ao machismo, ao feminicídio e à valorização das narrativas femininas no ambiente escolar, sob uma perspectiva crítica, afro-diaspórica e transgressora.

A escola, enquanto espaço de formação social, intelectual, política e emancipatória, constitui-se também como um ambiente desafiador para que jovens possam questionar, discutir desigualdades e compreender as diferentes formas de violência sofridas por meninas e mulheres na sociedade.

Debater esses aspectos torna-se uma dimensão relevante na prática pedagógica teatral, uma vez que a arte, aliada ao pensamento crítico, tem a possibilidade de, a partir do cotidiano escolar, problematizar atitudes e ajudar a desenvolver outras formas de agir e se relacionar, seja individualmente seja coletivamente.

Essa perspectiva dialoga com as concepções de bell hooks (2017), sendo indispensável compreender a individualidade do estudante como metodologia pedagógica transgressora, uma vez que todos, professores e estudantes, estão no processo de aprendizado. Nessa mesma direção, as contribuições de Paulo Freire ampliaram essa reflexão ao compreender que a

[1] Graduada do Curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Pós-graduada do Curso em Artes Visuais pela Faculdade Dom Alberto, Pós-graduada no Curso Ensino de Artes pela Faculdade do Vale – FACUVALE. Atualmente, Professora de Arte do quadro efetivo da Prefeitura do Recife- PE. m.biancaaa@email.com;

educação é um espaço de emancipação crítica do indivíduo, sendo um processo dialógico com o meio social, além disso, o autor questionava e criticava a *educação bancária*, termo desenvolvido pelo autor para apresentar a imposição educacional baseada nos resultados.

A partir dessa compreensão, tornou-se necessário ampliar os diferentes saberes, assim como aponta a autora Leda Maria Martins, que valoriza as experiências culturais, a oralitura e a importância da memória como forma de resistência da historicidade brasileira.

Nesse sentido, a experiência foi desenvolvida por meio de debates, práticas teatrais, intercâmbio de saberes com o grupo teatral *O Poste Soluções Luminosas*, oficinas com o Grupo *Empodera* e experimentações cênicas articuladas às vivências dos estudantes, possibilitando a construção de cenas, a reflexão crítica sobre diversas violências de gênero e, principalmente, o estímulo ao enfrentamento dessas violências como ferramenta de ação social.

Foi constatado que o teatro pode oferecer experiências pedagógicas importantes e transformadoras, pois, a partir dele, é possível refletir sobre os paradigmas sociais e, por meio do corpo em cena, fortalecer os sujeitos muitas vezes silenciados, seja no ambiente escolar ou em casa. Por isso, acredita-se que praticar a reflexão crítica pautada na responsabilidade social de cada indivíduo é um caminho possível para formação de sujeitos conscientes.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

As atividades foram realizadas no 1º semestre de 2025, dentro da disciplina eletiva da base diversificada, sendo organizadas em quatro etapas: (1) Oficinas sobre protagonismo social; comunicação e mídias sociais; identidades; gênero, raça e classe; cidadania e sustentabilidade; violência doméstica e sexista; masculinidades; direitos sexuais e reprodutivos; (2) Construção da dramaturgia e vivência teatral com o grupo *O Poste Soluções Luminosas*; (3) ensaios da peça teatral e (4) Apresentações.

As ações eram permeadas por debates sobre o tema proposto, como por exemplo, na oficina de *comunicação e mídias sociais*, os estudantes tiveram que elaborar um vídeo curto, sem cortes, sobre algum tema cujo eles julgassem interessante, no tempo de quinze minutos, e em seguida era apreciado e iniciado a discussão sobre produções e técnicas de curta-metragem.

As análises das experiências foram realizadas de forma processual, a partir das vivências, dos registros das oficinas, da participação dos estudantes nos debates, da construção coletiva da peça teatral, ensaios e apresentações, onde existia a composição de trinta estudantes, 90% meninas e 10% meninos.

ISSN: 2358-8829

As vivências teatrais possibilitaram a problematização de situações de desigualdade de gênero, entre elas, a falta de tempo das meninas para estudar, em razão das responsabilidades domésticas, o cuidado com os irmãos mais novos, a gravidez precoce, as determinações impostas na infância das brincadeiras femininas versus masculinas, entre outros. Após vários debates, foi desenvolvida a construção de um texto dramático que pudesse fugir do óbvio em relação às violências enfrentadas por meninas e mulheres na sociedade.

> Ao reconhecer que, precisamente porque nos tornamos seres capazes de observar, de comparar, de avaliar, de escolher, de decidir, de intervir, de romper, de optar, nos fizemos seres éticos, jamais poderia aceitar a transgressão como um direito, mas como uma possibilidade" (FREIRE. p. 98. 2019)

Como exposto acima, o fato de observar, questionar, compreender, debater e propor ideais para o contexto que estava sendo abordado, os estudantes estavam exercendo a sua função social do ser humano, compreendendo que a possibilidade da transgressão também depende da abertura para novas percepções da realidade.

A intenção não foi criar uma dicotomia entre meninos e meninas, mas apresentar a condição de muitas estudantes e interconectar as questões abordadas na peça que permeiam gênero, raça, empoderamento e sororidade.

As dificuldades em trabalhar com estudantes do Ensino Fundamental são diversas, principalmente no que diz respeito à compreensão das nuances dos temas propostos. Ao abordar a violência, por exemplo, a associavam apenas à dimensão física. Contudo, por meio dos debates, das experimentações teatrais, das pesquisas realizadas em grupo foi possível constatar o despertar para a consciência crítica e as formas sutis dos diversos tipos de violências presentes nas relações sociais.

Nesse percurso de mostrar a seriedade do problema com poesia e leveza, os estudantes puderam experimentar, criar, descobrir suas potencialidades e fragilidades, mas, sobretudo, conectar-se consigo mesmos e com o coletivo, compreendendo que, assim como uma roda de capoeira, tudo é circular, tudo está interligado, e que alguns ciclos podem ser quebrados e combatidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A peça *Acorda, Maria!* surge como uma experiência artística de enfrentamento às diversas violências sofridas por meninas e mulheres, mas também como forma de valorizar as narrativas femininas no ambiente escolar.

Sendo assim, a palavra *oralitura,* conceito discutido por Leda Maria Martins, em seu livro *Poéticas do Tempo Espiralar*, aponta que *o olhar e a voz dos antepassados asseguram a existência, pois sua lembrança garante a produção da própria memória. Assim enquanto os ancestrais de nós se lembrarem, nós ainda seremos* (2025, p.213). Esse "trânsito da memória" que nos permeia traz saberes oriundos da difusão de acontecimentos históricos e "das cosmovisões que pelas as corporeidades se processam".

Assim, o processo pedagógico teatral da educação básica pode partir dessa diversidade ritualística e performática, ao se expressar por gestos, coreografias, cenas, adereços e construção da escrita coletiva, tornando-se não apenas uma resistência histórica, mas, principalmente, política.

A valorização dos saberes ancestrais e das experiências coletivas dialoga com o pensamento de bell hooks, especialmente no que se refere à pedagogia engajada como prática da liberdade. Como a própria autora afirma: *Quando começamos a falar em sala de aula sobre o corpo, sobre como vivemos no corpo, estamos automaticamente desafiando o modo como o poder se orquestrou nesse espaço institucionalizado em particular.* (hoosk, 2017, p.183)

O corpo é uma poderosa ferramenta contra o sistema tradicional que produz desigualdades de gênero. É a partir dele que nos organizamos enquanto coletivo para lutar, reivindicar, questionar e falar, mas também utilizamos o corpo para dançar, orquestrar nossos passos, sonhar e nos empoderar. O corpo é um espaço íntimo e poético, é nele que os traumas e a força emergem e se solidificam. É nesse universo repleto de complexidade que a peça *Acorda, Maria!* se enraíza e floresce.

Nesse percurso corporal, memorial e ancestral, o corpo dos estudantes foi mergulhado na força dos orixás das águas, Iemanjá (a rainha do mar) e Oxum (a deusa do rio). A partir de uma oficina com o grupo teatral *O Postinho,* foi possível perceber a resistência dos alunos em se colocarem enquanto matéria orgânica, a mecanização dos gestos aos poucos foi obtendo outro contorno, sentido, desenrolar e respiração.

A respiração entra como aliada fundamental na percepção desse corpo. Apontando alguns questionamentos: Como a ancestralidade, a oralidade e a memória se manifestam através do meu corpo e da peça? Como, a partir do meu corpo, reconheço as desigualdades reproduzidas no ambiente escolar? Como o meu corpo se mobiliza nas experimentações cênicas? Esses questionamentos políticos da prática educativa dialogam com Paulo Freire:

> Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do homem ou da humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. (FREIRE, 2019, p. 100.)

Dessa forma, compreender a educação como prática política implica reconhecer que os posicionamentos docentes são importantes e podem estabelecer conexões cruciais para a formação crítica dos estudantes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A peça *Acorda, Maria!* percorreu diferentes espaços de apresentação, ampliando o alcance da experimentação teatral desenvolvida no ambiente escolar e possibilitando aos estudantes outras vivências e interações com diversos públicos.

A primeira apresentação foi realizada na culminância do Projeto *Empodera*, no Teatro Hermilo Borba Filho, localizado no Recife Antigo. Estavam presentes outras escolas, estudantes e familiares dos participantes. Na ocasião, os estudantes puderam apreciar outras apresentações teatrais com temáticas amplas sobre violência de gênero.

Esse momento de troca foi fundamental para a confluência de saberes das experimentações artísticas no ensino básico da rede pública da Prefeitura do Recife. Os estudantes puderam assistir às apresentações teatrais um dos outros e apreciar como cada grupo conseguiu desenvolver peças com temáticas que envolvia o empoderamento feminino, a violência de gênero e a importância da sororidade entre as mulheres.

A segunda e a terceira apresentações foram realizadas para a comunidade escolar da Nilo Pereira. A quarta apresentação ocorreu na Escola de Formação de Educadores do Recife Professor Paulo Freire (EFER), e a quinta apresentação foi realizada na 77ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC MULHER, em 2025, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Ao longo do processo teatral da peça *Acorda, Maria!* foi possível perceber a maturidade dos debates e a evolução dos estudantes. Eles também desenvolveram a responsabilidade com os objetos de cena, com os figurinos e com a memorização do texto, tornando esses aspectos uma preocupação coletiva. As apresentações alcançaram diferentes públicos, como professores e estudantes da educação básica e do ensino superior, além da comunidade escolar em geral, evidenciando a importância das interações com uma plateia diversificada.

Atualmente, alguns estudantes que participaram da peça estão estudando na Escola Técnica Estadual (ETE) Professor Alfredo Freyre, voltada para arte e cultura. Essa trajetória evidencia possibilidades de continuidade na formação artística e profissional dos participantes.

ISSN: 2358-8829

Essas observações demonstram a relevância do projeto, que culminou em apresentações teatrais em diferentes espaços, possibilitando momentos de reflexão para os estudantes envolvidos e a professora orientadora. As reflexões compartilhadas nesse processo, assim como alguns relatos de alunas que encontraram na experiência teatral uma forma de expressar suas vivências pessoais, evidenciam a importância de uma prática pedagógica que envolva acolhimento, escuta e diálogo sobre violências de gênero.

Paulo Freire compreende a educação como um ato político, enquanto bell hooks na mesma direção, aponta a educação como prática da liberdade. Leda Maria Martins, por sua vez, nos permite refletir sobre a relevância da ancestralidade como ponto de chegada e partida. É nessa encruzilhada de saberes que a educação pública ganha força e potência. A peça *Acorda, Maria!* também pode ser compreendida como um manifesto poético teatral que não apenas denuncia as violências de gênero, mas também evoca mulheres cujas histórias foram silenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência teatral *Acorda, Maria!* possibilitou refletir sobre o teatro como prática pedagógica, política e social. Desenvolvida a partir de uma experiência coletiva, a peça buscou não apenas promover o debate sobre as diversas violências de gênero, mas também contribuir para o enfrentamento dessas questões, sobretudo, por meio do empoderamento feminino e do reconhecimento de situações de violência na sociedade.

Ao longo desse processo, foi possível perceber o interesse dos participantes pela linguagem teatral enquanto mecanismo político de comunicação, assim como pelas narrativas que refletem a importância de personagens mulheres para a história feminina brasileira.

A partir desse processo, foi possível perceber que a nossa ancestralidade é a bússola do tempo, é a flecha que aponta, é a encruzilhada que direciona, é o mar que não se finda. Enfim, é o tempo que paira no ar e vai com o vento. Assim também pode ser o ensino artístico-poético e político em sala de aula: um respiro profundo no imaginário da transformação.

Por fim, a peça Acorda, Maria! evidencia que o espetáculo não se finda nas apresentações, mas se amplia nas possibilidades de denúncia e reflexão que podem ser construídas a partir da arte teatral. Pelo seu engajamento, empoderamento, senso crítico e a união coletiva, a experiência ultrapassa o fazer artístico e se torna um ato de rebeldia contra um sistema que tenta impor o que é mais ou menos importante. A peça retrata a realidade de muitas

ISSN: 2358-8829

mulheres, mas também reafirma a possibilidade de recalcular a rota e romper os ciclos de violência que atingem as meninas e mulheres, sobretudo, as mulheres negras.

Palavras-chave: Arte Transgressora; Empoderamento Feminino; Teatro Político; Educação Básica.

AGRADECIMENTOS

Aos meus orixás, que me guiam no caminho da justiça;

A Exu, pelas encruzilhadas da vida;

Às minhas alunas e aos meus alunos, por me fazerem acreditar na educação pública, gratuita e de qualidade;

À Secretaria da Mulher, em especial, a todo o grupo que compõe o Projeto Empodera;

A toda ancestralidade do grupo O Poste Soluções Luminosas, junto com o núcleo O Postinho;

E a toda comunidade da Escola Nilo Pereira pelo apoio, elogios e aplausos.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6023**: Informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021 (reimpressão 2025).